

Apolo e Mississippi São Os Seus Mais Serios Adversarios

CONDURU', 46 quilos — Na última sábatina perdeu tão somente para Aventureiro, livre o qual deverá ser o ganhador.

AMILCAR, 48 quilos — Acaba de escolher latagano e Kid Galahad, subjugando Gaibu', Asteca,

3	(4) Elenita, G. Costa	5
	(5) Fatura, D. Ferreira	5
2	(6) Carapitanga, O. Santos	5
	(7) Acetona O. Serra	5
4	(8) Arisca H. Soares	5
	2ª carreira — Premio "Suen"	

cebido até ontem as seguintes
declarações de forfait para a
reunião de hoje:
Blue Boy, Resgate, Valerius,
Controle e Chimarrão.

MONAL
Fantastico...

(Conclue na 13ª pag.)

Controle e Chumbarão.

OS comprimidos DE

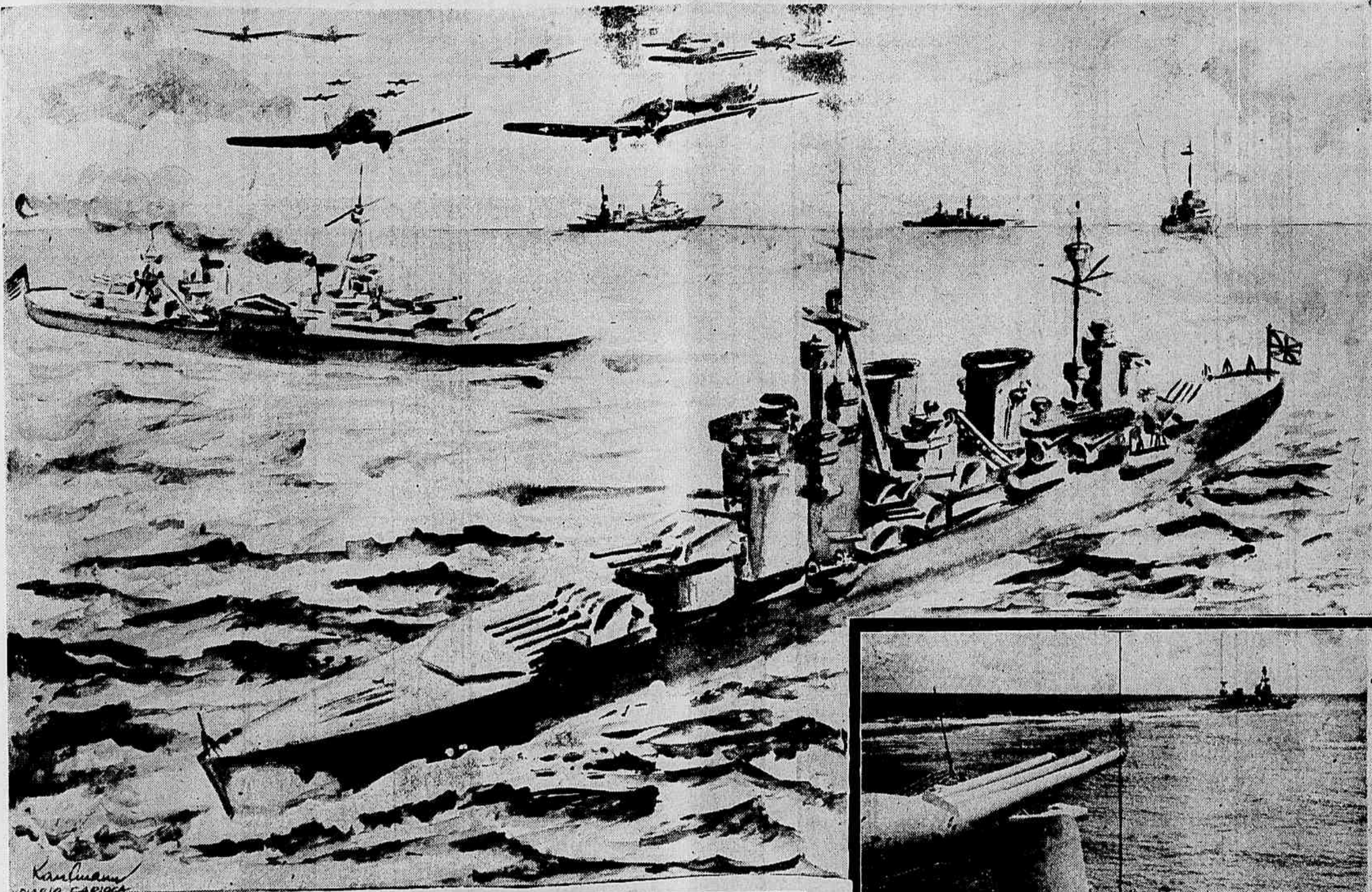


Piralgina
GRANADO

LIVRAM
DE QUALQUER
DOER



GRANADO
DE STAVINS



Diario Carioca

2ª Seção ANO XIV — RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 17 DE AGOSTO DE 1941 — N. 4.039

ROOSEVELT e CHURCHILL Triunfarão Na Grande Obra Em Que Fracassaram Wilson, Lloyd George e Clemenceau



Presidente Wilson

Os discursos de Roosevelt e Churchill são os grandes documentos políticos desta guerra.

O presidente americano vem fazendo, desde a crise da Munich, os mais desesperados esforços para evitar que os povos europeus se entredessem como as hordas bestiais da pré-história.

Ao contrário do que acontecia com Wilson, durante a Grande Guerra, as declarações de Roosevelt não se revestem do caráter de pregações religiosas ou de formulas jurídicas abstratas. Isso acontece porque o atual presidente dos Estados Unidos possui um instinto político infalível. E' essa, precisamente, a qualidade que dá aos

Antonio Bento

(Copyright da Inter-americana para o DIÁRIO CARIOCA).

seus discursos e a sua atuação nos negócios internacionais uma força e uma eficiência incontestáveis. Ele representa a mais alta consciência duma civilização que não quer e não pode desaparecer, diante da onda de barbaria que ameaça destruir as melhores conquistas humanas.

Desde os seus patéticos apelos aos ditadores, na véspera da invasão da Polónia, até o recente e já famoso discurso ao "pé da lareira", todas as suas proclamações sobre a guerra têm constituído notáveis documentos históricos, porque traduziram invariavelmente, numa admirável linguagem literária, a angústia de seu povo — ou antes, da humanidade inteira, em face das ameaças que pairam sobre todos os países, pois a tragédia da guerra se abate de preferência sobre as populações civis indefesas.

A Figura De Churchill

E que diremos de Churchill, que é o grande titã desta guerra? Sobre seus ombros poderosos pesam há mais de um ano os destinos do mundo civilizado. Por isso, o primeiro ministro britânico fala como um invencível combatente, em nome dum povo que, de um momento para outro, se viu sozinho na luta, tendo que enfrentar, desarmado de meios de defesa e de recursos adequados, o mais formidável poderio militar que o mundo jamais conheceu. Depois do colapso da França, provavelmente o povo inglês só não aceitou a paz que Hitler lhe ofereceu, graças à energia e à coragem incomparáveis de Winston Churchill. Seus discursos, que são também modelos de eloquência parlamentar, documentarão, pelos séculos futuros, o espantoso duelo que se vem travando, há quase dois anos, entre a In-

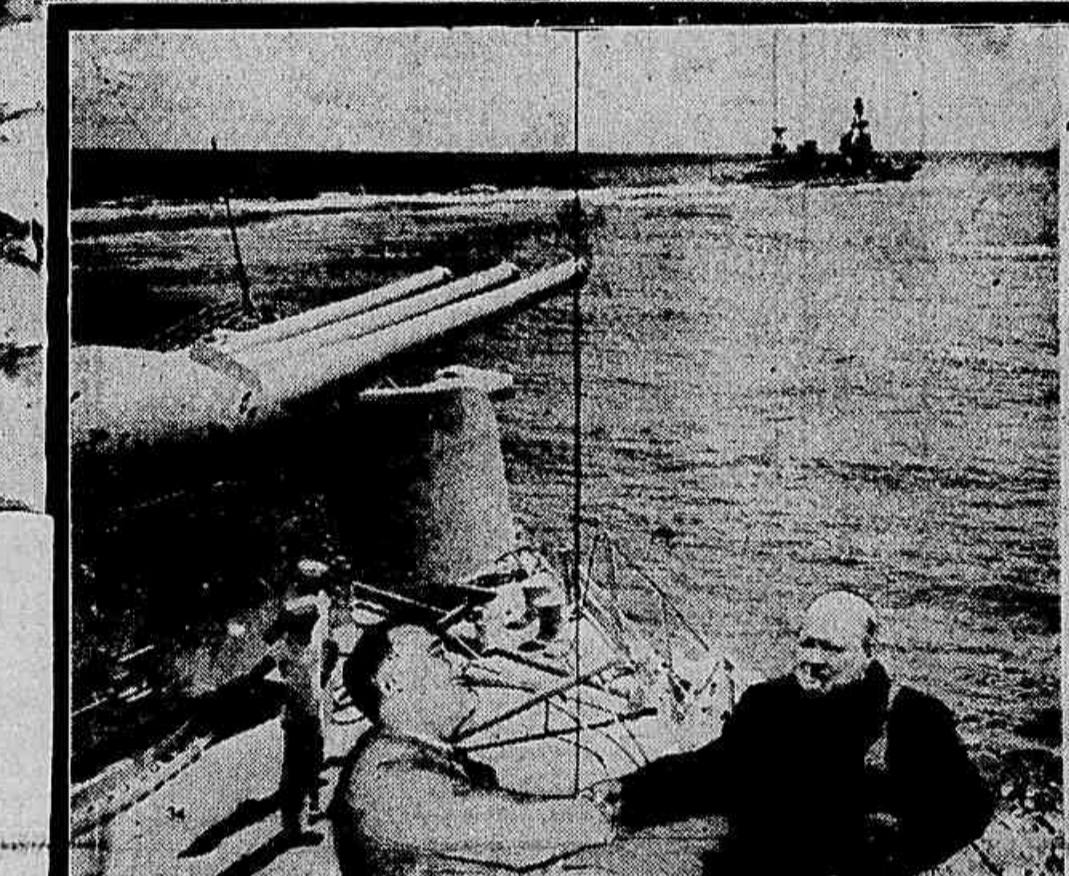
glaterra e o Reich. E têm, acima de tudo, constituído um tónico poderoso para o mundo democrático, que não quer se submeter passivamente à sentença de morte contra o mesmo lavrada pelos ditadores.

Ora, o acordo agora assinado entre aqueles dois grandes chefes consubstancia, nos seus oito princípios, as idéias políticas dos governos inglês e norte-americano, divulgados nos últimos dois anos.

E' essa a razão pela qual o encontro de Roosevelt e Churchill, num "ponto qualquer" situado nas vastidões do Atlântico, se reveste de uma importância política sem precedentes, já, tendo sido comparado o



Lloyd George



Como o desenhista Kaufmann reconstituiu, para o DIÁRIO CARIOCA, o sensacional encontro de Roosevelt e Churchill, num "ponto qualquer" do Atlântico. Deixando o "Patton" e o presidente americano embarcou no cruzador "Augusta", que rumou para o local onde deveria se encontrar com o "premier" britânico, o qual vinha no couraçado "Prince of Wales". Na composição, vêem-se as duas grandes unidades protegidas por uma esquadilha de "destroyers" e por uma cortina de aviões, afim de evitar o ataque de qualquer submarino alemão. Os dois grandes chefes democráticos apertam-se as mãos selando o pacto que os seus países firmaram, para a liquidação da "tirania nazista".

acordo que do mesmo resultou a Magna Carta ou a Constituição de Filadélfia. Não há nessas comparações nenhum exagero. Se esses oito princípios fossem depois da guerra integralmente aplicados (e tudo indica que isso acontecerá) eles representariam, para a futura sociedade internacional, o mesmo que a declaração dos direitos do homem representou para o indivíduo, nos fins do século XVIII.

A Iniciativa Da Conferencia

Já se sabe que a iniciativa dessa espetacular conferência marítima coube ao presidente Roosevelt, que assim deixou longe, em matéria de guerra dos nervos e de propaganda sensacionalista, os tão afamados técnicos do dr. Goebbels, que, de quando em vez, preparam um encontro do Fuehrer e do Duce, no banalíssimo Passo do Brenner.

Cada vez que esses dois litadores se encontram, há uma onda de conjecturas e de boatos em torno do que teriam tramado. O sr. Virginio Gayda chega mesmo a acreditar que o mundo inteiro estremece quando o ditador fascista se encontra com Hitler...

O esforço maior dos dirigentes do Eixo está agora concentrado em descobrir o que poderão ter resolvido os seus poderosos adversários. E' evidente que trataram muito mais da guerra do que da paz, que é ainda um problema a ser resolvido oportunamente. Mas, os planos militares, a troca de vistas e as providências concretas, de que a conferência se ocupou, não serão revelados, senão na medida em que os fatos foram aparecendo.

Contudo, pela reação causada em Berlim, Roma e Toquelo, verifica-se que há uma enorme e justificada ansiedade nas capitais do Eixo, pois os Estados Unidos estão dispostos a lutar imediatamente, tanto no Atlântico como no Pacífico. Essa convicção é partilhada pelos chefes totalitários, que terão mais uma vez de refazer os seus planos estratégicos.

Assim, a conferência foi importante, não só pelo que ficou resolvido nos oito princípios formulados, como por tudo quanto Roosevelt e Churchill combinaram, com a assistência de seus técnicos militares e principais colaboradores.

As Exigencias do Povo Americano

Mas, porque teria Roosevelt convocado Churchill para essa conversa realizada em



Clemenceau, o "Tigre"

pleno Oceano, a bordo do couraçado "Prince of Wales" e do cruzador "Augusta"?

Porque chegou o momento dos Estados Unidos entrarem na guerra. E o povo norte-americano dificilmente participaria da luta, se não conhecesse o plano político da Inglaterra, para a reorganização do mundo que surgirá depois desta monstruosa catástrofe.

A repulsa da maioria dos Estados Unidos em tomar parte numa guerra europeia resulta principalmente da lembrança dos erros do Tratado de Versalhes. E é também uma consequência direta da conduta dos governos aliados, que repudiaram depois da vitória os compromissos financeiros assu-

As sanções econômicas são suficientes para

para

immobilizar o JAPÃO



Como se Explica a Atitude "Morde-e-Sopra" dos Governos Democráticos -- Impossível, no Momento, um Ataque Nipônico a Java, Sumatra e Singapura -- Porque os Gênios Belicócos de Toquio São Forçados a Se Conterem

for, o fato é que, sem a gasolina ordinária, o óleo combustível, a socata de aço e de ferro e o algodão dos Estados Unidos, os japoneses, que estão isolados do resto do mundo, teriam tido uma tarefa sobremodo difícil em planejar nova expansão para o sul.

Nossa atitude benigna foi devida, segundo os responsáveis pela política externa, ao desejo de evitar que os espíritos belicócos de Toquio se movimentassem rumo

Constantine Brown (Famoso jornalista norte-americano).

aéreas na Indo-China e no Siao. Era tão claro quanto a luz do dia que a ocupação destas partes da Ásia constituiria somente um movimento preparatório para um ataque de maior envergadura contra as Índias Orientais Holandesas e os Estreitos, logo que a Rússia tivesse sucumbido e a Alemanha começasse sua grande investida na Europa ocidental. Por essa razão nossas autoridades navais se sentiram compelidas a transferir uma parcela importante da frota do Pacífico para o Atlântico.

Mas o desenrolar da luta surpreendeu o mundo inteiro e muito especialmente os japoneses.

Se os russos puderem prolongar a resistência por mais um mês, não é provável que os Estados Unidos tenham de transferir outras unidades importantes do Pacífico para o Atlântico. Mas já é demasiado tarde para os dirigentes de Toquio recuarem. A gigantesca máquina militar foi posta em movimento e é impossível es-

Efeito Das Sanções Econômicas

A ocupação do resto da Indo-China, com suas importantes bases navais e aéreas, que constituem ameaça direta às Filipinas e a Singapura, provocou seria reação em Washington e Londres. Sanções econômicas, que, é de esperar, imobilizarão os movimentos do Japão em menos de um ano, foram imediatamente aplicadas. Toquio tomou represalias, embora sabendo que tais represalias não poderiam causar embaraços serios aos Estados Unidos ou à Inglaterra. Mas no mesmo dia em que essas medidas eram anunciadas pelo governo nipônico, o seu representante em Washington, almirante Namura, comunicava ao Departamento de Estado que, se a Casa Branca mostrasse desejo de tornar o embargo econômico menos drástico, Toquio providenciaria para que o mesmo fosse feito do outro lado. As rigorosas sanções poderiam continuar em vigor desde que o Japão tivesse permissão para continuar a adquirir mercadorias nos Estados Unidos por meio de um sistema de licenças. As sanções econômicas holandesas atingiram o Mico mais severamente do que quaisquer outras. Mas Toquio calculava que se os Estados Unidos e a Grã-Bretanha suavizassem a aplicação do embargo, o governo de Batavia não teria outro recurso senão seguir-lhes o exemplo.

O Que Se Espera Dos Japoneses

No simples exame de um meio para atenuar o rigor das medidas impostas, pela aplicação de um sistema de licenças o governo norte-americano está procurando

WASHINGTON, (Copyright do DIÁRIO CARIOCA) — Os observadores políticos desta capital estão realmente admirados. Não podem compreender o sentido da política dos governos norte-americano e inglês em relação ao Japão. A atitude dos responsáveis pelas nossas relações externas é de tal apatia que o homem de rua não pode explicar em absoluto o fenômeno.

Quando o Japão invadiu prematuramente a Indo-China e se preparou assim para estender seus tentáculos para o sul do continente asiático pela ocupação do Siao, o governo norte-americano adotou como providência inicial o congelamento dos fundos japoneses neste país. Isto trouxe como consequência uma suspensão virtual de todo o comércio com o Império Nipônico. O exemplo de Washington foi seguido, em menos de 24 horas, por Londres e Batavia. A julgar pela reação que tal medida despertou em Toquio, o Japão se viu duramente atingido pelas democracias.

Atitude Humanitária

Foram realizadas, neste particular conversações entre Washington e a América do Sul.

Golpe tão violento, deve ter atingido mais duramente o Mikado do que um par de derrotas militares. Mas parece que seus efeitos serão suavizados, diante da atitude humanitária que os governos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha se mostram inclinados a tomar. Eles não querem cas-

ligar muito o Japão. No momento de ser escrito este artigo estão sendo estudadas medidas para "suavizar" as duras represalias econômicas e permitir algum comércio limitado entre o Japão, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha sob um novo sistema de licenças. A razão básica dessa política parece residir na esperança de que, comerciando com o Japão, impedi-los-emos de atirar-se a novas agressões.

Nos últimos 24 meses enviámos para aquela nação oriental navios e navios carregados de matérias primas, que têm sido utilizadas exclusivamente na produção de material de guerra. Praticamente permitimos a frota japonesa — ou, pelo menos, os transportes dessa nacionalidade — navegarem no alto mar pelas nossas exportações de petróleo.

Em certos círculos diz-se que, além da gasolina pobre que permitíamos oficialmente embarcar para o Japão sem licença especial, consentimos igualmente na remessa de gasolina refinada para a aviação nipônica. Quando, certa vez, perguntei a uma das nossas autoridades se era verdade que estávamos mandando gasolina de aviação para o Mikado, obtive como resposta a declaração de que não era precisamente isto, mas que parte desse combustível poderia ser utilizado em pequenas quantidades pelos aeroplanos.

Procurando Conter a Investida

O resultado desse uso seria, entretanto, prejudicial aos motores, afinal. Seja como

ao sul, tomando pela força as Índias Orientais Holandesas, onde existem minas primas tais como o petróleo, o estanho, a borracha, etc., em quantidades inexauríveis.

O argumento expendido pelos nossos chefes militares e navais tem sido o mesmo nestes últimos tempos. Segundo eles, quando a situação na Europa justificasse um movimento ulterior dos japoneses, estes não hesitariam em leva-lo a efeito, empregando seus costumeiros recursos de violência, e fazendo ouvidos moucos às advertências dos círculos políticos e diplomáticos de Washington. Nestes círculos sempre prevaleceu a opinião otimista de que enquanto se dá comida ao leopardo, este não morde, e embora algumas vezes advertamos os nipônicos com energia nos pronunciamentos públicos, deixamos, entretanto, de paular nossas ações pelas palavras.

Segundo o ponto de vista militar, os japoneses, logo que estiverem convenientemente preparados, se movimentarão em busca de novas terras, sem maior preocupação pelas consequências. Esta teoria, entretanto, tem perdido muito partidários ultimamente.

Tão Claro Quanto A Luz Do Dia

Quando os alemães invadiram a Rússia, num verdadeiro prenúncio de guerra-relâmpago — de fato, as três primeiras semanas foram bem sucedidas — os japoneses decidiram movimentar suas forças para o sul e estabelecer bases militares, navais e

amestrar um passaro pondo-lhe sal na cauda.

A dura lição recebida pelos exércitos alemães nestes últimos meses deveria ter proporcionado aos japoneses elementos para profundas meditações. E se os nazistas foram compelidos a fazer a antiga guerra de trincheiras e de posições na frente oriental, os nipônicos certamente concluirão que é muito melhor avisado esperar os acontecimentos do que se precipitar noutra aventura imperialista. Além do mais, a organização dos territórios recém-anexados requer tempo e energia. Dal o seu empenho em informar aos governos norte-americano e inglês que este seria seu "último" avanço naquela direção.

Isto talvez suceda se os alemães se exaurirem na Rússia a ponto de surgirem complicações na frente ocidental que venham a terminar com a sua derrota. Mas, julgando os japoneses pelo seu procedimento passado desde 1931, quando penetraram pela primeira vez no continente asiático, na Mandchúria, — logo que os alemães restabelecerem suas posições, eles certamente encontrarão alguma desculpa "delegada" para obter o domínio das ilhas situadas no Pacífico Meridional.

O Japão Não Pode Atacar As Democracias

Segundo informações recebidas nos círculos autorizados de Washington, os nipônicos não pretendem atacar Singapura, Java ou Sumatra num futuro próximo. Essas posições estão poderosamente defendidas e os soldados do Mikado não têm certeza, nesta altura dos acontecimentos, de que poderiam quebrar nozes tão duras. Mas tencionam ir até Borneo e as Ilhas Celebes, onde poderão encontrar petróleo em abundância e algumas posições estratégicas para a sua marinha ligeira, com a qual interceptarão eventualmente as comunicações entre o oceano Índico, as Filipinas e a Austrália.

Enquanto os alemães estiverem encontrando resistência e não houver decisão definitiva para as suas continuadas investidas, não há dúvida de que os japoneses se contentarão em permanecer inativos. Se, enquanto eles estão se organizando nos territórios recentemente conquistados, puderem continuar a receber óleo, gasolina e outros materiais importantes para a sua indústria bélica, dos seus poderosos inimigos — a Holanda, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha — muito bem.

Os observadores desconfiados mili-
(Conclui na 22ª pag.)

